



## CHUVAS NO SUDESTE

# Número de mortos passa de 20

Estragos de frente fria no Espírito Santo e no Rio de Janeiro deixaram, até ontem, 17 e 8 óbitos, respectivamente

» VICTOR CORREIA

Até ontem, o número de mortes causadas pelas fortes chuvas que atingem a região Sudeste desde sexta-feira (22) chegou a 25. Os óbitos ocorreram no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, que registraram um volume de chuvas superior ao esperado para o mês.

O temporal arrefeceu durante o dia, e as equipes de resgate atuaram para liberar estradas, retirar moradores de locais de risco e prevenir novos desastres. Do total das mortes, 20 foram confirmadas até a noite de sábado.

O governo federal enviou equipes de apoio aos dois entes federativos e reconheceu estado de emergência nos municípios mais afetados. A expectativa para a semana é de diminuição nas chuvas, mas, hoje, ainda há risco moderado de alagamentos e deslizamentos de terra.

No Espírito Santo, foram registradas 17 mortes, sendo 15 em Mimoso do Sul, e duas em Apiaçá. O temporal afetou especialmente a região sul do estado, e foi causado pelo avanço de uma frente fria sobre a onda de calor que atingiu o Sudeste na última semana. Ao todo, 255 pessoas estão desabrigadas e 5.481 desalojadas por conta das chuvas, que atingiram 11 municípios, segundo dados da Defesa Civil estadual.

Pelo menos quatro rodovias foram bloqueadas parcialmente durante o dia. Deslizamentos de terra, queda de represas, de árvores, de postes e de barreiras também ocorreram. Em

Mimoso do Sul, as águas alcançaram o segundo andar das residências, e os moradores tiveram de se abrigar em locais mais altos, aguardando resgate. As cidades com maior volume de chuva durante o dia foram Santa Teresa (75,1mm), Cachoeiro de Itapemirim (71,3mm) e Santa Maria de Jetibá (58,23mm).

De manhã, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ligou para o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande (PSD), para expressar sua solidariedade com a população capixaba e reforçar o apoio federal. O Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR) enviou, ontem, uma equipe aos municípios afetados, acompanhados de servidores do Ministério da Saúde.

“As águas já diminuíram bastante, o que ajuda a identificar o tamanho dos danos causados. A primeira resposta do Espírito Santo foi importante, e estamos nos reunindo para avaliarmos os apoios adicionais”, comentou o diretor do Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres (Cenad), Armin Braun, que foi até o estado.

Casagrande visitou as cidades de Mimoso do Sul, Bom Jesus do Norte e Apiaçá. Em entrevista à imprensa, ontem, o governador anunciou uma série de medidas para apoiar a população atingida, como a liberação do Cartão Reconstrução, benefício de R\$ 3 mil para a compra de itens prioritários e R\$ 50 milhões em crédito para empreendedores. O governo estadual também coletou e distribuiu doações de água mineral, cestas básicas, cobertores, kits de limpeza e de higiene pessoal.

Já, no Rio de Janeiro, oito

Comunicação/Governo ES



Governador Renato Casagrande em Mimoso do Sul, um dos locais mais atingidos pelas chuvas no Espírito Santo durante o fim de semana

pessoas morreram, sendo quatro em Petrópolis, duas em Teresópolis, uma em Arraial do Cabo, e uma em Duque de Caxias. Outras 349 estão desabrigadas, e 6.504 desalojadas. O Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR) reconheceu ontem, de forma sumária, o estado

de emergência em Teresópolis e em Magé. Petrópolis recebeu, no sábado, o reconhecimento. As chuvas causaram transtornos em 18 municípios. A capital registrou o maior volume de chuva, com 72mm ontem. Campos dos Goytacazes (71,8mm) e Maricá (57,7mm) vêm em seguida.

O Corpo de Bombeiros do estado atendeu 237 ocorrências desde sexta-feira, resgatando 160 pessoas com vida. Os militares atuaram em 111 alagamentos, 30 desabamentos e deslizamentos, e 52 cortes de árvores. Equipes do MIDR e do Ministério da Saúde também estão na região.

Segundo o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (Cemaden), ainda há um risco moderado de alagamentos e deslizamentos de terra no Sudeste durante o dia de hoje. Também existe possibilidade de pancadas de chuva, mas em volume e intensidade menores.



# Ação para evitar nova tragédia indígena

» HENRIQUE LESSA  
Enviado especial

**Feijó (AC)** — As fortes inundações que castigaram o Acre nas últimas semanas tiveram impacto nas aldeias indígenas localizadas às margens de rios. As comunidades sofrem com a falta de comida depois que a força das águas levou grande parte dos cultivos. Na área onde os indígenas plantavam mandioca, milho, cacau e café, sobrou apenas lama. A destruição tornou essa população uma das mais vulneráveis do estado.

Os prejuízos não ficaram apenas na plantação. A água levou também galinhas, porcos e bois criados nessas comunidades. Com o rio cheio da lama arrastada das margens, nem a pesca resta como alternativa para esses povos. A fome ronda os indígenas acreanos.

O governo estadual vem entregando às comunidades cestas básicas, que chegam de barco ou de helicóptero nas aldeias. Na Terra Indígena Katukina-Kaxinawa, moradores de diversas aldeias das etnias Huni Kuin, Shanenawa e Katukina, se reuniram, na semana passada, na aldeia Paroá, na margem do Rio Envira, no município de Feijó (AC), para receber a comitiva que trazia cestas básicas.

Durante a entrega, com a presença do governador do Acre, Gladson Cameli (PP), e da secretária estadual dos Povos Indígenas, Francisca Arara. Ela afirmou que, sem assistência, há risco de se repetir a tragédia que ocorreu com o povo yanomami, em Roraima.

“Pode acontecer, sim, como em Roraima com os yanomamis. A desnutrição é o que nos

preocupa mais agora. Com essa enchente, o alagamento detonou tudo! É só ver as fotos que os parentes (indígenas) mandam: Olha aqui as nossas bananas, olha aqui a nossa roça”, mostra a secretária, que é indígena do povo Arara.

Ela ressalta o esforço do governo no socorro às comunidades indígenas e reforça o compromisso, como secretária e membro dos Arara, com seu povo.

“Quando organizamos a entrega das cestas básicas, eu disse (ao governo estadual) que o trabalho pode ser também para dar visibilidade ao Acre, mas não é só para tirar foto. Eu levo o meu trabalho muito a sério, com muita transparência. Nós precisamos firmar políticas públicas não só para agora, mas também para depois”, afirma. “Tem que ter uma política afirmativa para o Acre ser referência. Eu sei quem eu sou. Sou governo, mas também sou indígena. Então tenho compromisso com o meu povo, com minha pauta e com meu trabalho”, sustenta a secretária.

Apesar da crise que vivem os indígenas, Francisca Arara avalia que a situação no Acre ainda é muito melhor que em outros estados do Brasil. “A gente precisa se alertar com o que está acontecendo em outros estados, porque aqui a gente ainda vive em um paraíso. Em outros lugares, os parentes vão dormir vivos e acordam mortos”, lamenta.

## Novas sementes

Diante da presença do governador, as lideranças indígenas pediram ajuda ao estado para

voltar a produzir seus alimentos. “A maioria das aldeias foram atingidas e precisam de ajuda. O que foi perdido vamos plantar de novo com ajuda de sementes e ferramentas. Com esse auxílio, vamos superar os problemas deixados pela cheia”, disse o cacique da Aldeia São Francisco, Rubem Barbosa.

Edilson Brandão, cacique da Aldeia Nova Vida do povo Shanenawa, representando outras 15 comunidades, falou da necessidade de reconstrução. “Precisamos de reconstrução. Precisamos, sobretudo, de um empenho na produção em parceria com estado para fortalecer a nossa segurança alimentar”, comentou.

Já o cacique da Aldeia Paroá, Mário Kaxinawa, acrescentou que a ajuda é necessária para que os indígenas permaneçam na terra depois da alagação. “Muitas roças ficaram dentro de igapós (planícies que alagam) que cresceram com a cheia dos rios. Isso pode fazer com que mais indígenas abandonem as suas terras para passar dificuldades na cidade. Precisamos chamar o pessoal para continuar a viver nas aldeias”, reivindicou.

Logo depois de o governador deixar a aldeia, a reunião no galpão em meio às casas se dispersou. Nesse momento, pouco antes da reportagem embarcar no helicóptero de volta à cidade, era possível escutar mulheres, que cuidavam das crianças menores, comemorando a chegada dos alimentos. Naquela noite, diziam, “a barriga vai ficar cheia”.

\* O repórter e o fotógrafo viajaram a convite do governo do Acre.

Carlos Vieira/CB/D.A Press



## Apoio determinado pela Justiça

**Feijó (AC)** — Ao chegar ao pequeno aeroporto de Feijó, no Acre, a maior aeronave que se avista no terminal é um helicóptero militar do Exército. O equipamento é um dos utilizados para a entrega de ajuda humanitária na região.

Mas o apoio logístico da União precisou de uma interferência da Justiça Federal do Acre. Após um pedido protocolado pelo Ministério Público, o Judiciário cobrou o apoio logístico do governo federal para a entrega de cestas básicas e de água potável nas comunidades afetadas. A liminar determinou que a

União deve fornecer o suporte logístico de helicópteros para a entrega da ajuda humanitária disponibilizada pela Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas do governo estadual.

Na petição, o Ministério Público Federal (MPF) destacou os relatos de membros das comunidades indígenas sobre a perda das plantações com os roçados inundados, fazendo diversos povos indígenas perderem uma das únicas fontes de alimento disponível.

Segundo o MPF, a iniciativa foi motivada pela falta de resposta

da Secretaria Nacional de Defesa Civil ao pedido do governo do Acre de apoio aéreo para o atendimento dessas populações isoladas no estado.

Feijó, distante 360km da capital, decretou situação de emergência depois das inundações deste ano. As populações indígenas e ribeirinhas foram as mais afetadas. Roçados e fontes de água potável ficaram soterrados pela lama em diversas aldeias. A situação deixou essas comunidades em extrema insegurança alimentar e hídrica. (HL)